



O pasquim no jornalismo do Maranhão: análise do Colunaço do Dr. Pêta do Jornal Pequeno¹

Pedro ARAGÃO²
Francisco GONÇALVEZ³
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise do Colunaço do Dr. Pêta, coluna semanal do Jornal Pequeno, para demonstrar que a coluna preserva ainda características intrínsecas aos pasquins que circulavam na capital do Maranhão no século XIX desenvolvendo algumas características próprias. Para esta análise foram extraídos alguns trechos da supracitada coluna que datam de períodos efervescentes da política no Maranhão no século XXI. Faz-se também um comparativo entre os textos que circulavam nos pasquins do século XIX com os do Dr. Pêta e percebe-se uma semelhança quanto à linguagem, à malícia própria dos pasquins, o deboche, a desconstrução do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Dr. Pêta; Jornal Pequeno; pasquins.

INTRODUÇÃO

Classificados muitas vezes de inconsequentes, os pasquins eram a preocupação dos poderosos que viviam em São Luís, no século XIX, os mexericos movimentavam a cidade, na expectativa de novos boatos, ao mesmo tempo em que o medo rondava os lares dos ilustres ludovicenses, na expectativa de serem os próximos alvos dos infames apelidos, das mentiras e ofensas.

Os pasquins, jornais do tamanho de uma folha de papel ofício, alguns, manuscritos, eram colocados debaixo das portas das casas, e no conteúdo, ofensas, ataques. Perturbavam as mulheres e nem os mortos escapavam da língua afiada dos redatores dos pasquins. Anônimos, aproveitavam dessa premissa para atacarem ainda mais.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão, email: ferraragao@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFMA, email: franciscogoncalvesdaconceicao@gmail.com



Séculos depois, publicado todos os domingos no *Jornal Pequeno*, surge o Colunaço do Dr. Pêta. O personagem carismático toda a semana se devota à “arte” da maledicência, passeia pelo cerne da sociedade maranhense e principalmente do poder político local.

O Colunaço do Dr. Pêta resgata os elementos que compõem os pasquins: o anonimato, os apelidos, o deboche a censura. Estes que já existiam antes mesmo da vinda da família real ao Brasil, quando ainda era proibida a publicação de jornais na Colônia.

No Maranhão, encontram terreno fértil com a disputa entre portugueses e brasileiros e logo depois, representados aqui, pelos Bem-te-vis e Cabanos. Nos dias atuais, as disputas pelo poder persistem e o Colunaço do Dr. Pêta, desponta como um observador dos vícios da sociedade maranhense, por isso tema interessante para este trabalho.

OS PRIMEIROS PASSOS DA IMPRENSA NO BRASIL

No período Colonial, era vetada ao Brasil a publicação de livros e jornais, tal medida fora aplicada para que fosse assegurado, na época, que ideias de liberdade e independência não fossem divulgadas entre os colonos, sendo revogada, apenas, em 1808, com a vinda da família real ao Brasil.

O primeiro jornal a circular no país fora o *Correio Brasiliense*, entre os anos de 1808 e 1822, do jornalista Hipólito da Costa. O jornal, de ideias liberais e contra o governo de D. João VI era editado em Londres e trazido clandestinamente por comerciantes ingleses. Tal ação era realizada mediante o temor que Hipólito da Costa possuía em publicar o jornal no Brasil.

Grande era o temor do jornalista Hipólito José em publicar o seu trabalho no Brasil, não só pelas dificuldades existentes na publicação dos periódicos, mas pelos perigos que enfrentava em falar livremente dos poderosos. O *Correio Brasiliense* chegava ao Brasil de contrabando, devido às ideias consideradas incendiárias. (SOUSA, 2006, p. 13-14)



A partir daquele ano também, passou a circular no país o jornal *A Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal editado no Brasil⁴, por estar vinculado à família real, se limitou a divulgar notícias oficiais e de interesse do governo.

Já em 1821, com o fim da censura prévia à imprensa, surge um novo tipo de jornalismo profundamente ideológico, militante e panfletário (RIBEIRO, 2007). A proliferação desse tipo de jornalismo foi facilitada pela forma artesanal como eram produzidos, era relativamente barato abrir um jornal naquele período.

Com o aumento da pressão de Portugal sobre o Brasil, é que começam, com mais notoriedade, a surgir nos jornais o tema independência. Em contrapartida, em 1831 os jornais já passam a atuar contra o Imperador, preparando um ambiente para o seu afastamento.

Em 1831, a imprensa ajudou a preparar um ambiente favorável ao afastamento do imperador. Exerceu uma função agitadora nos momentos mais tensos e decisivos, como na Noite das Garrafadas, por exemplo. Nos jornais de oposição, as críticas não se dirigiam só ao imperador; atingiam também deputados, ministro e altos funcionários do governo. (RIBEIRO, 2007, p. 3)

A imprensa como lugar de polêmica surge com o jornal *O Conciliador do Reino Unido* (1756-1835), de José da Silva Lisboa (Cairu). “Cairu era contra a liberdade de opinião, mas por ironia acaba inaugurando a imprensa como lugar de polêmicas. No *Conciliador*, Cairu discorria sobre a liberdade de imprensa, recomendando que – ao praticá-la – se evitasse quaisquer exageros” (RIBEIRO, 2007, p. 4).

Merece também destaque nesse período os jornais *O Espelho*, criado em outubro de 1821, por Manoel Ferreira de Araújo Guimarães, também redator de *A Gazeta do Rio de Janeiro* (1812-1821) e *O Patriota* em 1813. Neste, escrevia o próprio imperador, de forma anônima com palavrões e termos grosseiros.

Outros jornais polêmicos da época foram: *Revérbero Constitucional Fluminense* (1821); *A Malagueta* (1821); *Tífis Pernambucano*, fundado por Frei Caneca em 15 de janeiro de 1823; *O Tamoio* (1823) era o jornal dos irmãos Andrada, de oposição ao imperador; *A Aurora Fluminense*, lançada em 1827 por Evaristo da Veiga.

Todos esses jornais possuíam características em comum que mais tarde poderiam se assemelhar às dos pasquins. “A linguagem que caracterizava a maioria desses periódicos era como já extremamente agressiva e virulenta. Não era raro que se

⁴ Impresso na tipografia da Imprensa Régia, relativo ao poder real simbolizado pela coroa.



veículassem ofensas pessoais, insultos, xingamentos nas páginas dos periódicos” (RIBEIRO, 2007, p. 4).

A Imprensa no Maranhão no século XIX

O primeiro jornal no Maranhão nasce durante um período muito conturbado da história do estado: a recusa em aceitar a Independência do Brasil. Na época, o Maranhão ainda mantinha laços muito fortes com Portugal, não só político-econômico, mas culturais, uma vez instalada uma nova visão ideológica, o liberalismo, e o subsequente apoio às determinações de D. Pedro I há uma grande rejeição entre os portugueses, que viviam no Maranhão, desse novo paradigma.

É assim que em 15 de abril de 1821⁵, nasce *O Conciliador do Maranhão*, era um jornal simples com formato de uma folha de papel almaço, manuscrito e em duas colunas. No entanto, diferente do que o título sugere o jornal não manteve qualquer conciliação, por ser do governo, aumentou as tensões existentes entre portugueses e brasileiros.

No decorrer da sua circulação o “Conciliador do Maranhão” não se mostrou fiel a sua autoimagem de imparcialidade como órgão oficial do governo, “O Conciliador” era favorável à Constituição Portuguesa, defendendo com radicalismo o seu cumprimento e recomendando fidelidade às ordens vindas de Portugal que, desde 1820, vivia sob a tutela jurisdicional das Cortes de Lisboa, reunidas com a Revolução Liberal do Porto. (SOUSA, 2006, p. 17)

O segundo jornal a circular foi o *Folha Medicinal*, no dia 11 de março de 1822. Impresso, assim como *O Conciliador*, na Tipografia Nacional tinha como redator o médico português, Manoel Rodrigues de Oliveira. “No programa do jornal constava, como objetivo, a aplicação de remédio a todos os males: tanto do corpo, como do espírito; definir e descrever cada umas das principais moléstias desta província, e que mais a afligem e indicar método curativo” (JORGE, 1987, p. 40). No entanto, o jornal não cumpriu o programa e saiu logo ao ataque agredindo o Padre Tezinho e o grupo do qual ele apoiava.

Logo em seguida vêm, em 1822, o *Brado Maranhense* e a *Palmatória Semanal*, este último de propriedade do Padre Tezinho que criou o jornal para se defender dos ataques sofridos pela *Folha Medicinal*.

⁵ A versão impressa do jornal vai aparecer em 15 de novembro de 1821



Não satisfeito com a presença do jornal *Folha Medicinal*, do médico Manoel Rodrigues de Oliveira, que passou a atacar o seu partido e logo contrariar os interesses, embora sendo redator de *O Conciliador Maranhense*, resolveu tirar um jornal, que melhor se identificasse com seus objetivos (JORGE, 1987, p.43).

Nos anos que se seguiram a imprensa do Maranhão viu nascer vários outros títulos, como: *o Amigo do Homem* (1824), *Argos da Lei* (1825), *O Censor* (1825), *Farol Maranhense* (1827), *Minerva* (1827), *Bandurra* (1828), *Poraquê* (1828), *O Despertador Constitucional* (1828), *A Cigarra* (1829), *Publicador Oficial* (1838), *O Constitucional* (1830), *Echo do Norte* (1834), *O Investigador Maranhense* (1838), *Bem-te-vi* (1839), no ano de 1840, surgem: *A Revista*, *O Guajajara* e *O Legalista* e o *Jornal Maranhense* (1841).

É bem verdade que esses jornais eram de natureza efêmera, mas possuíram, na época, participação efetiva na vida política e cultural da província. Os temas do momento, tanto nacionais, como internacionais eram discutidos com tamanha paixão, que revelavam o profundo conhecimento dos editores, grandes nomes despontaram no período.

Foi uma época brilhante pela presença de um Odorico Mendes, Garcia de Abranches, Frederico Magno, José Cândido de Moraes e Silva, João Lisboa, Cândido Mendes, Sotero dos Reis e outros. Bem verdade que, ao lado desses, houve aqueles que encheram de vergonha o jornalismo com suas infâmias e pasquins terríveis (JORGE, 1987, p. 10).

Os pasquins vão eclodir no Maranhão a partir das décadas de 1830 e 1840. Com paródias, versos, quadrinhos, sátiras, chistes etc. Com o único objetivo de denegrir o adversário, invadir a privacidade, sem qualquer tipo de clemência. “Qualquer um podia ter a sua vida devassada por esses papeluchos. Geralmente os alvos eram os inimigos políticos, mas o cidadão comum, a mulher casada, ou até os mortos, chegavam a ser incomodados, com as mais terríveis calúnias” (JORGE, 1998, p. 65).

OS PASQUINS DO MARANHÃO

Eram do tamanho de uma folha de papel ofício, deixados debaixo das portas das residências dos ludovicenses na calada da noite, causavam muitos constrangimentos e se tornaram reflexos de uma enorme tensão entre portugueses e brasileiros, no começo, para depois assumir uma posição ideológica entre liberais e conservadores. Eram os



pasquins incômodos, armas de defesa, muitas vezes se valiam do ataque para atingirem os inimigos.

O conflito de interesses era grande, a começar com o monopólio dos cargos públicos que passaram às outras mãos. A província respirava um ar de violência com os últimos acontecimentos políticos. Lei dos Prefeitos, que criava tais cargos, dava a essas autoridades um poder ilimitado. Os prefeitos podiam convocar qualquer cidadão para servir a Guarda Nacional, ainda que fosse por vingança, o que revoltou a muitos. (JORGE, 1998, p. 106)

Antes mesmo da sua explosão nas décadas de 30 e 40 do século XIX, no Maranhão já havia sinais de pasquins circulando no Estado, Tomáz Bequiman, irmão de Manoel Bequiman, já distribuía esse tipo de jornal para denunciar os atos praticados pelo governo português. Neste pasquim, a Companhia do Comércio era acusada de ser omissa e irresponsável, por não cumprir com os compromissos e deixar a população desassistida.

Os “avulsos” dos irmãos Bequimão iam longe nas denúncias, procurando revolver nesse mar de lama, toda a podridão de um governo que não tinha compromisso com ninguém senão com seus próprios interesses. Enquanto o governador enriquecia do dia para a noite, o povo passava fome, enfrentava problemas de saúde, e não tinha como trabalhar. (JORGE, 1998, p. 45)

Um caso à parte, os pasquins de autoria de Tomáz tinham como finalidade informar a população dos abusos sofridos, no entanto, a maioria dos pasquins que circularam no Estado se prestou a ofensas pessoais. João Lisboa era acusado sucessivamente de ser um dos redatores desse tipo de jornal, por Sotero dos Reis, assim como por Cândido Mendes. A verdade é que pela natureza anônima dos pasquins dificilmente se sabia a origem de seus redatores.

Sotero dos Reis lista algumas causas que poderiam ter causado esse “surto” de pasquins na época, no Maranhão, dentre eles, o jornalista destaca: a revolta da Balaiada, cujo pretexto foi a Lei dos Prefeitos de 1839 a 1840; a desmoralização dos partidos e dos homens, e com ela a da imprensa, provocada pela revolta e o desaparecimento do *Jornal Crônica Maranhense*, de João Lisboa. O que para o jornalista trouxe enormes problemas a sociedade maranhense.

Como decorrência dessa crise na vida maranhense, o que predominou, segundo Sotero, foi um festival de insultos, de mentiras e desrespeitos, em que se incluía no cardápio dos pasquins: injúrias, falsidades, calúnias, aleivosias, fatos adulterados e invertidos, apologia do crime arvorado em heroísmo, apelos a



cruzadas sanguinárias e à anarquia, revelação de segredos da vida privada, difamações, torpezas, asquerosidades. (JORGE, 1998, p. 77).

Os pasquins não poupavam ninguém, em artigo escrito por Sotero dos Reis, em defesa da mulher, ele descreve a dimensão dos insultos praticados pelos pasquins:

“A mulher, entre delicado e fraco, que está como fora da proteção da lei, por isso, que a sociedade a pôs debaixo da proteção imediata do homem, que deve responder por ela, não tem outro poder para domar-nos senão as suas graças, nem outras armas para resistir-nos senão a sua mesma fraqueza. Negar-lhe a proteção devida já é sobre a injustiça, grande falta de generosidade. Mas atacá-la sem injustiça, sem respeito ao sexo, isto para vingar-nos do homem com quem se acha ligada pelos laços de parentesco, não sabemos que nome tenha, porque é, além de covardia, cega brutalidade. Nisto não há nem política, senão frenesi e demência...” (JORGE, 1998, p. 73).

Outro que sofreu grande infortúnio por perseguições causadas por esses jornais foi Cândido Mendes, jornalista, jurista, escritor, geógrafo e senador do Império. O episódio constrangedor, causado pelo *O Guajajara*, pasquim liderado por uma facção dos bem-te-vis, acabou colocando a masculinidade de Cândido Mendes em dúvida em um artigo escrito.

Dentre os pasquins que circulavam em São Luís na época pode-se destacar: *O Cometa*, redigido por Leonel Joaquim da Serra, é um produto típico da época, ficou famoso pelos insultos e a ousadia com que atacava os adversários, tinha como alvo predileto *O Guajajara*, de propriedade da família Jansen, pasquim que atingiu enorme grau de intolerância e cinismo e servia de interesses do partido Bem-te-vi. Outro jornal que se dedicava a atacar a matriarca Ana Jansen era *O Pica-pau*.

Características dos Pasquins que circulavam em São Luís

Um das versões que explica as origens dos pasquins figura na lenda de Pasquino, uma estátua inspirada em um operário falastrão de Roma, do século XVI. A lenda narra a presença de duas estátuas fofoqueiras, que se recusavam a deixar o palco dos boatos primeiro que a outra, com receio de que a companheira que permanecesse no local falasse mal dela a um terceiro. No caso, Marfório, a segunda estátua, era mais sutil em suas observações, enquanto Pasquino se diferenciava pela malícia.

Essa lenda exemplifica, de forma sucinta, umas das características mais utilizadas pelos pasquins que circulavam em São Luís, a malícia. “Pasquino é



irresponsável e inconsequente. Não mede palavras e desconhece os limites do respeito. Vive no perigo e está sempre a um passo do crime.” (JORGE, 1998, p. 34).

Os pasquins que circulavam em São Luís, em suas propostas afirmavam se comprometer na defesa de certos grupos ou causas políticas, no entanto, o que praticavam era a invasão da privacidade. Com linguagens chulas, os pasquins invadiam as vidas da população maranhense, não fazendo ressalva a quaisquer pessoas que fossem: mulheres, pessoas do clero, do meio político entre outros. “Qualquer um podia ter sua vida devassada por esses papeluchos. Geralmente o alvo eram os inimigos políticos, mas o cidadão comum, a mulher casada, ou até os mortos, chegavam a ser incomodados, com as mais terríveis calúnias.” (JORGE, 1998, p.65).

As investidas utilizadas deixavam extravasar ódio, vingança, frustração, despeito e mesquinhas. Escândalos a todo o instante eram proporcionados, um deles até resultou em uma esbofetada em Cândido Mendes, pelo marido de Ana Jansen, Izidoro Rodrigues Pereira, no Teatro Artur Azevedo.

Uma característica também marcante dos pasquins dizia respeito ao anonimato. Como forma de proteção, não se sabia de onde partiam os jornais. Por isso, João Lisboa, fora por diversas vezes acusado, por seus adversários, de tomar parte de alguns desses pasquins. Os maiores embates que tinha era com o jornalista Sotero dos Reis, a quem acusava de escrever os textos de *O Cometa*, para Leonel Serra apenas assinar. Essas acusações partiam com o objetivo de tentar descobrir realmente quem estava por trás dos pasquins.

Difícil era encontrar o culpado pela impressão dessas folhas que causavam tanto rebuliço na cidade. O anonimato se transformava em um código de honra. Quem sabia não se arriscava a delatar o nome dos seus autores. Quem não sabia ou se sentia prejudicado pelos pasquins jogava com todos os trunfos para descobrir quem estava por trás desse jogo, motivado pelo poder e uma forte dose de ódio e vingança contra aqueles que atravessassem o seu caminho. (SOUSA, 2006, p. 48)

Os pasquins, seguindo a linha do deboche, trazem também como principal munição, os apelidos, eram estes, um recurso importante, que atingiam em cheio os adversários. Serviam para desmoralizá-lo. Poucas foram as pessoas que escaparam dos apelidos, além disso, faziam a alegria das crianças, que ao verem as vítimas dos pasquins não hesitavam em chamá-los pelos apelidos.



Alguns desses apelidos, de pasquins que circulavam no século XIX, são listados por Sebastião Jorge (1998, p. 97), dos quais se pode citar: Marechal Bernardo da Silveira, último governador do Maranhão no período colonial, era “Dente de Alho”; Miguel Inácio dos Santos Freire Bruce, presidente da Junta Provisória do Maranhão, era “Raposa Ruiva”; José Felix Pereira Burgos, Comandante das Armas e membro da Junta Provisória da Província, era “Raposa Rajada”; outro presidente da província Costa Pinto, era “Pinto Calçado”; Raimundo Vieira da Silva, poeta e jornalista, era “Zé Caipira”; Araújo Viana, também presidente da província era “Urubu Xenxén”.

Uma questão importante que surge também nos pasquins é o papel deles no jornalismo/política da época, uma vez que, eles impõem uma censura, ao impedirem que a palavra do outro fizesse sentido no espaço público. Isso ocorre quando os pasquins denunciam o outro, no intento de desqualificá-lo, por meio da denúncia anônima, pelo apelido e outras operações lingüísticas, assim impedindo que o outro se reconheça como interlocutor.

Com esse mesmo espírito, séculos depois, o *Jornal Pequeno* – jornal pertencente à família Bogéa, de caráter oposicionista recria algumas dessas características dos pasquins no “Colunação do Dr. Pêta,” nas edições de domingo.

O JORNAL PEQUENO

O *Jornal Pequeno* caracteriza-se por ter um conteúdo predominante de artigos e colunas característicos do gênero opinativo, tendo como principal vetor de circulação o “Colunação do Pêta.” Fundado em julho de 1947, ainda chamado de O Esporte, o *Jornal Pequeno*, circulava apenas aos domingos, à noite, uma hora após o término das partidas de futebol.

Em 29 de maio de 1951, o jornal passou a ser diário, adotando primeiramente o nome *Jornal Pequeno: O Esporte* e, logo em seguida, se identificando, apenas como *Jornal Pequeno*. Hoje o JP é considerado um dos três maiores jornais do estado, com uma tiragem, durante a semana, de 5 a 8 mil exemplares, tendo, aos finais de semana uma circulação por volta dos 8 a 12 mil exemplares.

No início, o *Jornal Pequeno*, surgiu na condição de único órgão de imprensa maranhense conceitualmente apartidário. Trazendo colunas como: “O Mundo em Poucas Palavras”, “Defendendo o Nosso Povo”, “Coisas que Acontecem”, “Língua de



Trapo", "No Cafezinho", "Dicionário do Povo", com isso, o jornal criara uma nova linguagem jornalística, inusitada mesmo para aqueles tempos.

Dessa forma, o *Jornal Pequeno* acabou se tornando o porta-voz dos oprimidos. Pessoas simples procuravam a redação para ali expor os seus problemas. O prestígio do *Jornal Pequeno* cresceu rapidamente, e os políticos recorriam a suas colunas para se manifestar e responder aos adversários. É nesse período também que *Jornal Pequeno* adota o slogan que utiliza até hoje: “O Órgão das Multidões”, por refletir a sua aceitação popular.

O campo político é onde se observa outra característica importante do *Jornal Pequeno*, o fato de ser oposição. Tal característica se firma, a partir do momento em que o jornal passa a acolher artigos e informações da população desgostosa com a atuação dos governantes do estado. Assim, o jornal mantém uma linha que vai contra os interesses dos detentores do poder.

O *Jornal Pequeno* tem como característica também a participação de toda a família na produção do periódico. Nele, muitos membros da família, muitas das vezes com profissões diversas ao mercado editorial, estão ligados à gestão da empresa e à produção de conteúdo relativos a sua formação profissional ou convicção religiosa, como é o caso das editorias “Saúde”, “Cultura”, “Religião” e “Gospel Teen”.

POR DENTRO DO COLUNAÇO DO DR. PÊTA

O Colunaço do Dr. Pêta surgiu no ano de 1982, no *Jornal Pequeno*. O nome do personagem que nomeia a coluna vem de Petinha, um jogador de futebol trazido a São Luís pelo Moto Clube, segundo relatos, o jogador era capaz de marcar os gols mais incríveis e também de perdê-los de forma tão incrível quanto. Foi durante uma partida de futebol, em que participava o “chefe” do Dr. Pêta, que também jogava bola muito bem e marcava muitos gols, acabou perdendo um gol e um dos jogadores do time do *Jornal Pequeno* pôs as mãos à cabeça e gritou: "Petinha, não pode perder um gol desses". O apelido acabou pegando. Anos depois, de Petinha virou Dr. Pêta.

O personagem se dedica a mostrar à população maranhense os bastidores do poder no estado, mas vai além, denuncia, explora os vícios e deslizes da sociedade maranhense, descortina seus atos, e para isso, lança mão dos mesmos artifícios utilizados pelos pasquins, séculos antes, como verificado nesta passagem:



Olha só o ‘babado’!!! Sábado retrasado foi realizado o concurso ‘Miss Gay Maranhão’, no Clubão da Cohab!!! Convidado para o evento, um colunista “do outro lado da ponte”, ao chegar ao Clubão, foi convocado para compor a mesa julgadora, mas recusou, pois queria mesmo era ficar “livre, leve e solto” para ‘azarar’ os ‘boféticos’ que circulavam ‘à solta’!!! E foi exatamente o que ele fez a festa toda..., até que quase se dá mal!!! Ao avistar um ‘garotão bombado’ e tentar investir na ‘presa’ aparentemente fácil, foi ‘surpreendido’ por um traveco, ‘carinha-metade’ do ‘bofe’, que, indignado, armou o ‘maior barraco’ pra cima do colunista!!! Meu amigo, pense numa ‘bagaceira’!!! Rapaz, o ‘cabra’ foi obrigado a sair pela porta do fundo do Clubão e ainda apelidado de ‘Nanci Cueca’ pelo ‘traveco’!!! Hahahahahahahahahahaha!!! (JORNAL PEQUENO, 2010)

O jornal utiliza ainda do anonimato, apesar de se saber quem são os proprietários, a família Bogéa, no caso do Colunaço, não há uma identificação, o próprio doutor, é um personagem ficcional. Para despistar a identidade do personagem, o redator acaba sempre utilizando como recurso a ideia de que trabalha para o dono do jornal.

Rapaz, Dr. Pêta ‘jurou’ pra meu chefe que iria ‘dar um tempo’ pro Sarney aqui, mas não tem jeito..., o ‘cabra’ não sai da ‘boca do povo’!!! ‘Don Bigodon’ foi o assunto mais comentado da semana..., tudo por conta da ‘bagaceira’ que o Dinho Ouro Preto fez com ele em pleno Rock in Rio!!! Meu amigo, nunca antes na história um presidente do Congresso Nacional tinha sido ‘homenageado’ daquele jeito, com 100 mil vozes em uníssono mandando ele tomar ‘onde as patas tomam’!!! Pois é..., ‘mestre Bigodon’ protegeu a família no STJ, mas não escapou da ‘condenação’ feita por mais de 100 mil pessoas, ao vivo, para o mundo todo!!! (JORNAL PEQUENO, 2010)

Declaradamente de oposição ao grupo político no poder, o Colunaço, trava uma intensa “batalha” contra a família Sarney, acirrada, principalmente durante eleições. Em 2010, não seria diferente, concorria à reeleição, após assumir o governo depois da cassação de Jackson Lago, Roseana Sarney. Disputavam também ao cargo, o então deputado federal, Flávio Dino, Saulo Arcangelli, Josivaldo Correa e o ex-governador, Jackson Lago. A maior disputa acabou ficando entre Roseana e Flávio, sendo este derrotado no primeiro turno. Porém, esta contenda não ficaria apenas nos palanques, estariam também nos comentários ferinos do Dr. Pêta.

Olha, tem coisa muito séria acontecendo por esse “Maranhão de meu Deus”!!! Poderes estão sendo usados em favor da candidatura da ‘vice’!!! Um ex-presidente, inclusive reincidente, parece que não se emenda!!! É demais!!! ‘Pôw’, quer ganhar eleição, ganha ‘na boa’, sem chantagem, sem pressão...!!! O pior é que esses poderes estão sendo usados para dar garantias para 2006!!! É o



que acaba de acontecer, por exemplo, com dois ex-prefeitos da Baixada!!! Os ‘cabras’ foram chamados ‘pras conversas’ e levados para conversar com a ‘vice’ por um ex-presidente de quase poder!!! Na conversa, tiveram a garantia de que, se apoiá-la, podem ficar tranquilos que não vão ser ‘incomodados’ com rejeição de contas, com processos de cassação, com nada nas eleições municipais de 2012!!! Pode uma coisa dessa!!! Um deles chegou a dizer: “Olha, não quero um centavo; só quero que me deixem concorrer e que não me cassem”!!! É triste demais!!! Ô Maranhão!!! (JORNAL PEQUENO, 2010)

O Dr. Pêta não deixa por menos, também invade a intimidade de pessoas públicas do estado em seus comentários, vale todos os detalhes. No comentário a seguir Dr. Pêta fala a respeito de como um deputado tem compartilhado os bens com membros da família:

E o ‘Deputado 43’, hein, gente!!! Pois é..., vem danos sinais de que está compartilhando seus bens em vida!!! Após formar uma ‘Matemática Forense’ e um ‘Mestre em Informática’, deu um flat no Farol para a ‘rebenta’, uma barbearia de corte exclusivamente masculino para o ‘Gênio Português da Computação’...!!! Agora, para ‘43...zinho’, a ‘Doutora da Vale’ e a ‘Odontóloga Parente de Magistrado’ nem presente de Dubai!!! Para o ‘Causídico Namorador’, então, só ameaça de dossiê!!! Vixi, ‘vamo’ abrir o olho!!! (JORNAL PEQUENO, 2010)

Os apelidos, referência dos pasquins, também são utilizados com frequência pela coluna, e assim como aqueles, servem muitas vezes como deboche contra os adversários, alguns dos donos dos apelidos pode-se facilmente identificar, é o caso de “vice-legitimada”, em referência a governadora Roseana Sarney, “cara-metade”, Jorge Murad, “duas letras”, o colunista social Pergentino Holanda, o PH, “Don Bigodon”, José Sarney.

Rapaz, Don Bigodon não tem ‘parelha’ mesmo!!! Já tá com a velha ‘lenga-lenga’ de que não é candidato a presidente do Senado!!! Marrapá, e ‘nego’ ainda cai nessa!!! Quer ser, sim, e é agora que a imprensa, de um modo geral, vai ter uma ideia de como será o governo da Dilma!!! Se Don Bigodon ‘emplacar’ de novo, nada vai mudar mesmo!!! (JORNAL PEQUENO, 2010)

O mesmo tratamento não é dado aos aliados que têm os nomes verdadeiros publicados na coluna, nesta passagem ele coloca os nomes de Jacson Lago e Flávio Dino e mais uma vez se refere a governadora com “a vice”:

Vixi Maria!!! Tá chegando a hora!!! É domingo!!! Quem vai ser eleito no Maranhão????!!! Vai ter ou não vai ter segundo turno????!!! E se tiver, quem enfrenta a ‘vice’: Jackson ou Flávio Dino????!!! ‘Ficha Suja’ vai poder ou não vai poder concorrer tranquilo????!!! O Supremo decide ou não decide a questão



antes de domingo???! Perguntas como essas vão estar ‘rondando’ a cabeça dos maranhenses durante toda a semana..., e enquanto domingo não chega, a grande dúvida que está no ar é: se o STF não decidir essa questão até domingo, o Jackson entra na disputa ou bota alguém em lugar dele???! Sim, porque se entrar nessa situação correrá o risco de ter o seu registro cassado e seus votos anulados, conforme Dr. Pêta já falou aqui em pelo menos três ocasiões!!! (JORNAL PEQUENO, 2010)

Dr. Pêta tornou-se um personagem ubíquo, durante a pesquisa, depois de perguntado por e-mail o objetivo do Colunaço a resposta foi a seguinte: “A coluna surgiu sem objetivo específico, apenas com a intenção de fazer humor político, mas cresceu e hoje é usada por vários segmentos como canal de denúncias. Hoje 'todo mundo' é um 'Dr. Pêta'... políticos, empresários, juízes, profissionais liberais, jornalistas, povão... todos colaboram semanalmente com a coluna”. Então, o Dr. Pêta pode estar em todos os lugares, mostrando o cerne da sociedade, algumas vezes, pela própria sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pasquins dominaram a cena maranhense durante o século XIX, havia, no entanto, registros de sua existência até antes da imprensa ser permitida no Brasil, no período colonial, no Maranhão, com os irmãos Bequiman. Serviam na maioria dos casos como “armas” de defesa contra adversários políticos, que também se valiam dos pasquins para difamar e agredir.

Na época, grandes nomes do jornalismo maranhense sofreram perseguições e em alguns casos, agressões físicas, caso de Cândido Mendes. Os pasquins não perdoavam mulheres, pessoas do clero, mortos, jornalistas e claro, políticos, por traz do anonimato, se valiam dos apelidos para ridicularizar os inimigos e seguindo essa linha, para jogar na sociedade a intimidade de cada uma dessas pessoas.

Mais de um século depois, ressurge, nas páginas de um dos mais tradicionais jornais do estado, o *Jornal Pequeno*, o Colunaço do Dr, Pêta, com o objetivo de trazer o humor às páginas do jornal, a coluna cresce e passa a seguir o formato dos já conhecidos pasquins, assim o humor continua, mas com um pouco de denúncia também, o deboche se faz presente, os apelidos, a invasão da intimidade, a linguagem escrachada em tom de fofoca.



Porém, diferente da efemeridade, típica dos pasquins, a coluna já dura há 30 anos, possivelmente por ser vinculada ao *Jornal Pequeno*. Os antigos pasquins não eram vinculados a jornais, tinham seus próprios títulos. Outra característica do Colunaço do Dr. Pêta que o difere dos antigos pasquins é que ele conta com a colaboração de pessoas da sociedade para a divulgação de informações que acontecem dentro da própria sociedade.

Ao se fazer um comparativo entre os textos que circulavam nos pasquins do século XIX com os do Dr. Pêta percebe-se uma semelhança quanto à linguagem, à malícia própria dos pasquins, o deboche, a desconstrução do outro. É a coluna de um jornal, com características de um pasquim, o contexto do qual se insere é parecido ao encontrado séculos atrás, possivelmente, mais político que propriamente cultural.

REFERÊNCIAS

JORNAL PEQUENO. **Colunaço do Dr. Pêta**. 2010. Disponível em: <<http://www.jornalpequeno.com.br>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

JORGE, Sebastião Barros. **A linguagem dos pasquins**. São Luís: Lithograf, 1998.

_____. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão**. São Luís: PPPG/EDUFMA, 1987.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A imprensa da independência e do primeiro reinado: engajamento e mercado**. Disponível em: <<http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007-1/A%20imprensa%20da%20independencia%20e%20do%20primeiro%20reinado.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2012.

SOUSA, Lucimar Carvalho. **Os Pasquins em São Luís na primeira metade do século XIX**. 2006. Monografia (Especialização em História) – Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História do Maranhão. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2006. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/curso/especializacaopdf/lucimarc.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2012.